



NOS TRILHOS DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: VIRGÍNIA QUARESMA EM TRÂNSITOS ATLÂNTICOS

Isabel Maria da Cruz Lousada/1

“Não passa uma ou mais senhoras por um grupo de dois ou mais cavalheiros, sejam velhos ou novos ou sejam de que categoria forem, que não salte um pelo menos a fazer considerações mais ou menos pesadas, conforme a sua *educação*, sobre a mulher que passa, mas fazendo sempre a diligência para que esta ouça a *amabilidade* e assim chegar ao requinte da *finura e delicadeza*.

Pobres de espírito!

As suas considerações são sempre feitas debaixo dum único ponto de vista: considerando-a exclusivamente como fêmea. Se é velha – que já não presta, se é nova que devia ser (para lhes agradar) mais assim ou mais doutra maneira, etc., etc., mas sempre a ideia fixa de sexualidade.

Na América do Norte, donde vou contar alguns episódios interessantes, não acontece assim.

Se o homem aprecia a mulher que passa debaixo deste ponto de vista fa-lo só para si e não manifesta aos outros, nem ao seu melhor amigo essas apreciações, pois que foi educado desde criança, a considerar o acto sexual como um acto muito íntimo dos indivíduos e portanto indecoroso contá-lo aos outros sem ofender a mulher, porque ali ela é considerada como sua mãe, esposa, irmã, filha, etc., conforme a idade.”²

Nos caminhos pela conquista e afirmação do feminismo em Portugal deparamo-nos com batalhas gradualmente travadas também em prol da cidadania. O exemplo supramencionado atesta a necessidade em identificar modelos exemplificativos de nações em que o progresso abrisse novos campos de acção e afirmara outras realidades, que no nosso país ainda (e eventualmente), só se vislumbravam. Notamos a convergência em descrições de quadros sociais de época e elegemos a seguinte explicitada por Luís Augusto Costa Dias:

“Entre o último quartel do século XIX e o primeiro quartel do século XX [...] desenvolveu-se no nosso país uma cultura urbana de massas num quadro histórico de efeitos multiplicadores nos planos social e cultural que transformaram o espaço público em Portugal.”³

Também Maria João Cabrita releva:

“O debate contemporâneo sobre a identidade europeia focaliza a questão da articulação entre a igualdade e a diferença dos intervenientes do espaço público, exigindo uma reinvenção da linguagem política. É na encruzilhada entre as duas tradições do pensamento político ocidental - uma alicerçada no princípio da soberania popular, a outra nos valores do direito do homem - que se reflecte sobre o estatuto jurídico a conferir ao cidadão europeu de modo a respeitar-se, no seio de uma cultura política comum, as especificidades culturais das diversas comunidades a que os indivíduos pertencem.”⁴

Virgínia Sofia Guerra Quaresma (1882-1973) celebrou-se como jornalista nas duas nações irmãs, Portugal e Brasil, assinando como Virgínia Quaresma. Não iam longe os tempos em que o recurso a um pseudónimo era prática corrente de modo a não comprometer os resultados de tarefas

¹ Doutora. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. CesNova. Centro de Estudos de Sociologia da Universidade Nova de Lisboa. Av. Berna 26 C - 1069-061 Lisboa Portugal. iclousada@gmail.com

² CABETE, Adelaide. “As mulheres que passam”. Lisboa. *Igualdade*. 1928, p.4.

³ DIAS, Luís Augusto Costa. O papel do impresso. A imprensa e a transformação do espaço público em Portugal (último quartel do século XIX – primeiro quartel do século XX). In: *Estudos do Século XX*. n.º 7. 2007, p. 309.

⁴ CABRITA, Maria João. “A democracia processual em Habermas” In *Cultura*. Lisboa, Vol XIX (2ª Série), 2004.



tidas como menos próprias para senhoras, meninas, ou mulheres, consoante os analistas, se bem que igualmente condenáveis. Quiçá revelando já a rebeldia (na óptica de uns) ou ousadia (nas palavras de outros), distinguiu-se desde logo, e também, por esse facto, a intrépida jornalista, rompendo com um quadro de circunstâncias evidenciado por diversos estudiosos da história do jornalismo no nosso país. O seu nome passa a ser referência obrigatória no domínio do periodismo em Portugal e intransponível na sua vertente feminina.

O acesso à carreira não era fácil, por razões que grassavam por toda a Europa, e no nosso país com clara ênfase, como a história das mentalidades explica. Em grande medida, a passagem das mulheres do foro doméstico para o público foi assinalada como mais tardia entre nós. Houve naturalmente profissões em que a presença feminina, fazendo-se quase na extensão dos dotes de esmeradas e prendadas donzelas, deixavam processar essa conquista mais discreta e pudicamente. Na costura, na moda, na cosmética, a imagem da mulher conquista paulatinamente terreno e vai-se firmando e afirmando com maior ou menor oposição, dependendo de factores circunstanciais como o ambiente rural ou citadino e a estrutura familiar com peso não desprezível a ser assumido pelas condições sócio-económicas do agregado. A título de exemplo note-se o caso menos condenável ou, diríamos, melhor aceite, das mulheres que assumiam a liderança profissional na sequência da morte de familiar próximo, fosse ele o marido, o pai ou irmão, tornando-se herdeiras de um bem que necessitava de ser mantido na família. São inúmeros os casos, sabêmo-lo, de empresárias herdeiras de misteres para os quais, não fora a morte dos seus, lhes estariam seguramente vedados.

Podemos encontrar mais do que um punhado de boas razões para hoje relevar Virgínia Quaresma com propriedade em assuntos como o femicídio. A acepção deste termo desde logo deverá ser precisada, assinalando-se que a violência contra as mulheres nas relações de intimidade é exercida (apenas e só pelo facto de serem mulheres) quer pelos cônjuges, ex-cônjuges, companheiros, ex-companheiros, namorados ou ex-namorados. Integra-se nas mais variadas e múltiplas manifestações de violência de género, tanto na esfera pública, como na privada, fazendo parte do mesmo fenómeno. Ora, no seio da violência de género nas relações de intimidade deve destacar-se o hediondo crime do femicídio, que poderemos definir da seguinte forma: o assassinato de mulheres pelo simples facto de serem mulheres, consistindo, neste caso, na expressão máxima de violência de género. Deste modo, o femicídio vem visibilizar o assassinato das mulheres nas sociedades patriarcais/dominação masculina, que acaba por ficar ocultado pelo conceito de violência doméstica.



Tal como se tem definido, a violência doméstica diz respeito à violência que nas famílias se gera, abrangendo não só a violência sobre as mulheres, como ainda a violência sobre as crianças, idosos e também sobre alguns homens. Limitar a violência contra as mulheres nas relações de intimidade à violência doméstica, retira-lhe a dimensão política, social e cultural e faz crer que esta forma de violência é exercida apenas em famílias disfuncionais, ou se trata de um problema associado à marginalização e pobreza. Porém, é um fenómeno transversal às diferentes classes sociais e culturas⁵. Após esta sumária definição importa ressaltar a importância de *case studies* e mesas de debate em torno do fenómeno da violência atingindo a sua expressão máxima com o femicídio, neste painel da conferência *Fazendo Gênero 2010*, aqui convocado.

Porquê trazer à colação o acompanhamento dado por Virgínia Quaresma, nas primeiras décadas do século XX, ao caso João Barreto? Muitas razões plausíveis em nosso entender, das mais simples às mais complexas. Mas até, se quisermos, pelo simples facto ser uma mulher a saltar para a arena da letra de imprensa com aquela garra que já lhe conquistara fama, pela escrita aguerrida e envolvente, que tinha sido capaz de catapultar a atenção dos empresários ligados à imprensa carioca. Convidada para se mudar para o Brasil, aí iniciou a uma carreira transcontinental empunhando as suas armas, ou melhor dizendo, a sua pena.

França Borges, responsável pela edição de *O Mundo* afirma: “As questões de imprensa não importam apenas à imprensa. Importam muito directamente à sociedade, porque, se a imprensa muitas vezes desorienta, é por ela todavia que se vulgarizam as ideias e os factos que interessam à vida dum povo e à vida da humanidade”⁶. Não seriam muitas as mulheres repórteres no dealbar do século XX, tanto mais que mesmo para as poucas que enveredaram pelo jornalismo antes da implantação da República, como a nossa Quaresma, conquanto a sala de imprensa era menos malquista que permitir às jovens aventurarem-se de bloco de notas em riste, pela rua fora procurando a notícia. No caso vertente, o homicida. Há sempre as mais afoitas. Aí encontramos Virgínia Quaresma.

Sobre as mulheres como jornalistas, Virgínia já afirmara num artigo de 5 de Maio de 1907, intitulado “A mulher portuguesa no jornalismo”: “Sabemos, também, que até hoje a mulher tem sido completamente esquecida nas nossas lides jornalísticas. Só, por favor, para firmar um nome ou para satisfazer um pedido ousa uma vez ou outra invadir o jornalismo”. E torna-se pioneira na

⁵ Agradeço à amiga Manuela Góis, da UMAR – União de Mulheres Alternativa e Resposta - as longas e esclarecedoras conversas havidas a este propósito e a mão generosa sempre pronta a emendar e a criar definições mais consentâneas com os estudos sobre a Violência de Género.

⁶ BORGES, França. *A Imprensa em Portugal: Notas d’um jornalista*. Porto: Emp. Lit. E Typographica 1900, p. 1.



carreira jornalística⁷, considerada esta na acepção restrita do termo. Apesar de muitas mulheres terem integrado as fileiras no advento da profissão jornalística, Virgínia distinguiu-se ao associar-se a dois dos mais importantes jornais da capital. Ultrapassou em larga medida as publicistas e/ou as fundadoras de periódicos de cariz literário ou associados à defesa de causas restritas (sobretudo a feminista), ou mesmo aquelas que nela ingressaram, assinando episodicamente textos de opinião. Virgínia Quaresma revelar-se-à particularmente activa e empenhada no recurso à técnica da reportagem, seguindo a linha britânica, ainda colada à própria expressão utilizada *interview*, entendendo que ser jornalista era também uma forma de intervenção na causa pública. A notícia dada pelo *República*, em 23 de Outubro de 1973, assinalando o seu desaparecimento, regista:

“Com 91 anos, faleceu em Lisboa, Virgínia Quaresma, natural de Elvas, que trabalhou largos anos nos jornais «O Século» e «A Capital». Como jornalista distinguiu-se, particularmente, na cobertura de acontecimentos políticos, nomeadamente quando da implantação da República. Foi a fundadora de uma das primeiras agências de publicidade do país e, durante largo tempo, trabalhou no Brasil”.

Empenhada no combate a favor da paz, integrou a direcção do comité português da organização “La Paix et de Désarmement par les Femmes”, iniciada em Dezembro de 1906 pela francesa Sylvie Flammarion. Data desta altura o seu convívio mais próximo com as médicas Carolina Beatriz Ângelo, Maria do Carmo Lopes e Adelaide Cabete, vultos indissociáveis do feminismo português que ombreiam consigo na direcção deste comité.

O dia 18 de Maio de 1906 - em que Olga Morais Sarmiento da Silveira, apresenta “o problema feminista” -, assinala o primeiro episódio público declaradamente feminista em Portugal, numa sessão da Sociedade de Geografia de Lisboa, em que é formalizada a secção feminista da Liga Portuguesa da Paz, ligando-a a Virgínia Quaresma. Empenhada no combate a favor da paz, integrou a direcção do comité português da organização “La Paix et de Désarmement par les Femmes”, iniciada em Dezembro de 1906 pela francesa Sylvie Flammarion. Data desta altura o seu convívio mais próximo com as médicas Carolina Beatriz Ângelo, Maria do Carmo Lopes e Adelaide Cabete, vultos indissociáveis do feminismo português que ombreiam consigo na direcção deste comité.

No artigo “Solidariedade Feminina”, publicado no jornal *O Mundo*, em 26 de Abril de 1907, a jornalista e defensora da causa da Paz, traça grosso modo o sombrio panorama em que vivia a vasta maioria das mulheres portuguesas:

“formadas por caracteres femininos que durante anos só conheceram as relações «espirituais» dumas «senhoras vizinhas», tagarelas e estúpidas e que, num belo dia, pela leitura duns artigos dos periódicos, pelos folhetins dos diários e pelas poesias nefilibatas numa revista se julgaram também literatas e doutoras – cujos diplomas são reclames que arrancam de vez em quando, com alarde, à imprensa faminta para encher papel”.

⁷ MARTINS, Rocha. *Pequena história da imprensa portuguesa*. Lisboa: Inquérito, 1941, p. 83.



Virgínia Quarema não deixa, contudo, de realçar os meios para que as mulheres alcancem outro patamar de intervenção, superando esta de situação de minoridade, ao continuar a escrever:

“Sim a solidariedade há-de fazer-se, repetimos. Mas, há-de vir das escolas, de entre essa mocidade entusiasta, generosa e ativa que hoje nobremente trabalha para um mesmo fim desprezando interesses esquecendo o prazer de mais um ano lectivo passado ou de uma carreira concluída. Quando as mulheres portuguesas frequentarem mais as escolas, tiverem adquirido esse espírito altruísta que caracteriza e engrandece a academia, quando se habituarem à ideia de que o estudo, o trabalho e a convivência de todos os dias irmanam as almas, as confundem num grande abraço de confraternidade – então, sim, o feminismo há-de deixar de ser uma triste utopia entre nós, para ser uma grande força colectiva, solidária e consciente”⁸.

A importância de enquadramento face ao panorama internacional é sentida como premente pela jornalista que, em 1907, assina a rubrica “Jornal da Mulher” da seguinte forma:

“É inegável, por mais apaixonadamente que defendamos o ideal feminista, por mais ardentemente que desejemos e esperemos o seu legítimo triunfo que em Portugal se nota uma falta sensível de solidariedade no meio intelectual feminino. É pela agregação e persistência dos esforços da mulher em todas as manifestações inteligentes da actividade produtiva que a pouco e pouco, numa evolução orgânica e progressiva, se vão de ir impondo e implantando a razão, a justiça e a realidade das suas aspirações. É deveras admirável, ainda para os espíritos mais refractários, a todo o movimento feminista, a marcha gloriosa que nos últimos anos tem feito a mulher inglesa, suíça, escandinava, alemã e americana, na conquista dos seus direitos sociais.”

Virgínia critica a desadequação do individualismo vendo nele a razão de entrave para o progresso social, tão urgente para a humanidade. Faz radicar nos movimentos associativos a alavanca para a renovação e para o fortalecimento de laços entre as mulheres, depositando neles e nelas, respectivamente, a esperança de um futuro mais solidário. Sabemos que fez parte de inúmeras organizações feministas e femininas espelhando na prática a consubstanciação dos seus ideais. Quando integrou a Secção Feminista da Liga Portuguesa da Paz, em 1906, com cerca de 25 anos, era já se tinha licenciado pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. A organização internacional dirigida pela feminista Sylvie Flammarion – que procurava a via da paz na resolução dos conflitos internacionais, que seria assegurada mediante o recurso à arbitragem -, também contou com o seu empenho. Aliás, sabemos que em Portugal, durante o ano de 1907, foi anunciada no jornal *Vanguarda*⁹ (onde Virgínia se travou de razões com Maria Veleda a propósito da Liga Portuguesa da Paz¹⁰), uma petição que defendia tornar as guerras doravante impossíveis, para reduzir os impostos e aliviar os encargos militares e solicitava que o governo português desse aos delegados da próxima conferência de Haya um mandato para proporem a arbitragem obrigatória em todos os conflitos internacionais.

⁸ *O Mundo*, rubrica “Jornal da Mulher”, p. 4

⁹ 17 de Março de 1907, p.1.

¹⁰ Cf. A “carta aberta” publicada na *Vanguarda* em que Maria Veleda aborda Magalhães Lima, na qualidade de director do periódico, defendendo que nunca pretendeu hostilizar a secção do *Mundo*, “Jornal da Mulher”, “nem a sua directora [Virgínia Quaresma que] Fez umas apreciações que, parece, foram descabidas. Não mudei de opinião: mas, entendo que não devo insister, desde que a minha desaprovação levanta tamanha celeuma e provoca tanta inimizade. [...] Assim, prefiro retirar-me da arena vencida, mas não convida.” *Jornal Vanguarda*, 10 de Agosto de 1906, p.2.



Pelo esboço que fomos traçando resulta clara a faceta de cariz comunitário em que se enquadra a jornalista, avessa a modas, capaz de assumir liderança e militância, assumindo posições singulares (eventualmente radicais) no tocante à participação dos jornalistas na vida partidária. Assim se pode compreender a sua declinação do convite para integrar a LRMP, por sentir irreconciliáveis o exercício jornalístico e a militância na Liga, sem contudo, extremar posições, uma vez que chegou a discursar em num encontro, denunciando as suas simpatias republicanas.

Vimos anteriormente que advogava a favor do colectivo em detrimento do individualismo. Assim, compreendemos que abraçando a profissão tenha encontrado nos seus companheiros de redacção verdadeiros camaradas. Como, aliás, a maioria dos que a retratam fazem questão de deixar saber. Habilitada para a profissão, exerceu-a com mestria, numa escrita elegante, sóbria e cuidada. Esteve à frente de *Alma Feminina* (6/5/1907 a 2/1/1908), na qualidade de secretária da direcção, assegurada por Albertina Paraíso. A sua presença como colaboradora nas redacções dos jornais *O Século* e *A Capital* foi notada. É a ela que se deve a fundação da primeira agência de publicidade no jornalismo, fazendo jus à pesquisa levada a cabo pela investigadora e jornalista Maria Augusta Seixas¹¹. Sobre as relações que terá mantido com outras mulheres que em Portugal eram jornalistas pela mesma altura, Anna Klobucka, na sua comunicação “Summoning Portugal’s Apparitional Lesbians: A To-Do Memo”, traz novos desenvolvimentos sobre as relações de proximidade e amizade que ligaram Maria Lamas e Virgínia Quaresma¹². Já Maria Antónia Fiadeiro também tinha referido na sua investigação sobre a biografia de Maria Lamas¹³ a ligação de camaradagem que entre ambas terá existido.

Apesar dos aspectos de ordem íntima não serem objecto do nosso estudo, pensámos não dever abdicar de incluí-los, visto que fazem parte da história de vida tal como esta tem vindo a ser reconstituída pelas pesquisas realizadas. Em rigor, a decisão de atravessar o Atlântico para estabelecer morada no Brasil encontra-se numa confluência de sinergias. Por demais evidente é a proximidade partilhada com Maria Cunha Zorro, que a acompanhou, tanto mais que a jornalista se mostrara consciente que uma sociedade fechada e de limites tão estreitos favorecia a homofobia e a mesquinhez, dominada que estava por uma atmosfera de “maledicência e o atrevimento insolente com que muitos espíritos mesquinhos de mulheres atacam outras que só lhe deveriam valer

¹¹ SEIXAS, Maria Augusta. *Virgínia Quaresma (1882-1973): A primeira jornalista portuguesa*. Dissertação de Mestrado em Comunicação e Jornalismo. Coimbra: Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, 2004.

¹² KLOBUCKA, Anna M. “Summoning Portugal’s Apparitional Lesbians: A To-Do Memo”. In Conference of the Association of British and Irish Lusitanists. Maynooth: National University of Ireland at Maynooth, 11-12 September 2009. Disponível em: <http://umassd.academia.edu/AnnaMKlobucka/.../Summoning-Portugal's-Apparitional-Lesbians--A-To-Do-Memo>. Acesso em 15 de Junho de 2010.

¹³ Cf. FIADEIRO, Maria Antónia. *Maria Lamas: biografia*. Lisboa: Quetzal, 2003.



admiração, simpatia e reconhecimento, seria mentirmos à face de incidentes ignominiosos que, de quando em quando registamos com mágoa e vergonha”¹⁴. Virgínia Quaresma embarcou para o Rio de Janeiro em 1912, com Cunha Zorro. Aí ficou, até à sua morte, em 1917. Ambas foram parceiras no diário brasileiro *A Época* onde se pode testemunhar a vivacidade da sua relação, através de uma interpelação de uma a outra nas colunas que assinavam. Maria Cunha Zorro era filha de mãe brasileira e pai espanhol, e sobrinha do grande filólogo Cândido de Figueiredo, de quem se conta fora depositário das primeiras composições poéticas, *post mortem* entregues para publicação ao *Diário de Notícias* em 25 de Janeiro de 1917.

Retomando o tema da violência contra as mulheres, os dados actuais apresentados no tocante às mortes ocorridas devido a violência doméstica são confrangedores e clamam a atenção de governos, governantes e demais forças sociais. A legislação cabe aos legisladores. Em Portugal, a violência doméstica já se reveste de particular acuidade e é um crime público. Louvem-se as instituições e as governantes que o permitiram. Não sem luta, não sem oposição. Há hoje, em pleno século XXI, neste mesmo ano, rumores de que existem facções que pretendem retirar essa prerrogativa legal no nosso país. Todos os esforços serão necessários. Estar atentos/tas é determinante. Mas há quem esteja, como outrora esteve Virgínia Quaresma, em guarda. O que esta jornalista fez em favor de uma mulher de quem se esqueceu o nome, como de tantas se esquecem os rostos e as vidas, foi muito. Foi, aliás, muitíssimo. Ela foi capaz de despoletar e captar a atenção num periódico brasileiro de primeira linha, seguindo como se de um romance policial se tratasse, o caso de João Barreto, o poeta glamoroso e boémio, que depois de praticar o hediondo crime de homicídio conjugal se pusera em fuga. Pudera ter somente relatado o caso mas, enquanto jornalista, Virgínia Quaresma não se quedou por aí. Fez questão de seguir, como um Poirot no feminino, a investigação do crime. Atribui-se-lhe a ela, e Maria Alzira Seixas bem o refere, o êxito no aprisionamento do poeta, que após ver seu nome nos escaparates de jornais, sentira mais dificultada a fuga e se terá visto forçado a entregar-se. Mas a sua história era a outra história, uma história que pretendia dissimular o acto de modo ínvio. “Tapar o sol com a peneira”. A razão, ou as razões invocadas, deixavam suspensos os mais susceptíveis. Mas não era de um romance que se tratava. Ao invocar ter estado debaixo de uma, “possessão” pois se dizia possuído por uma força invisível, nesse argumento depositara a esperança de sua absolvição.

Que percepção temos nós da violência em infinitas agressões? Que outras facetas não podem, em nosso entender, ser descuradas? Quais as situações reais oferecidas socialmente às e aos

¹⁴ *O Mundo*, 26 de Abril de 1907, p. 4..



vitimada(o)s? Que futuro de felicidade lhes será permitido? E no fundo, tudo se poderá travar a esse nível? Por um lado, as barreiras legais, ainda que em determinados pontos do globo, bem certo, começam a cair ou a desvanecer-se face às pressões de grupos e instituições. Contudo, muralhas de outra natureza começam a despontar ou, pior ainda, a deixar antever a ponta de um incontrolável *iceberg*. A violência generalizada como resposta às impossibilidades. A adversidade tida como inimigo número um é violentamente combatida, ao invés de se procurar ultrapassar vicissitudes pelo raciocínio.

O repto que nos lega Virgínia Quaresma na abordagem feita nos periódicos, pelo recurso à palavra, fazendo jus à capacitação por si alcançada, no combate à violência, em particular no acompanhar do caso João Barreto, pode ser visto como estudo de caso. Pois, através do que parece uma simples tarefa, se consegue mobilizar e recrutar para causas de inegável peso e mais valia social. Quando em *A Capital*, em 1916, a jornalista se refere ao modo como fora cobrir o acontecimento, confessa ter sido “a minha estreia como repórter de crime”.¹⁵ Mas como fora escolhida? Do mesmo modo como fora contratada para *A Época*, por mérito próprio em provas já dadas. O reconhecimento advinha do bom uso feito das suas capacidades aliado ao não menos importante leque de relacionamentos institucionais e pessoais. O gênero da reportagem, geralmente mais vedado às mulheres, mas oferecido a Virgínia Quaresma, faz da recém-chegada ao Rio, repórter enviada a Niterói. Tratava-se de uma notícia de peso, o homicídio de Anita Levy pelo seu marido, visto como “crime sensacional”. Na primeira página de *A Época*, de 4 Dezembro 1912, Quaresma escreve: “O inferno do ciúme. Um marido assassina a mulher a tiros de pistola e, após a confissão do crime, evade-se”.

Retenhamos a nossa atenção neste que parece um mero pormenor. O modo como este crime foi visto – hediondo, mas nem por isso mais relevante -, assume foros de primeira página ao ter no seu enredo nomes sonantes. Um redactor da câmara dos deputados, poeta da nova geração brasileira, João Barreto, familiar do académico Sílvio Romero. Mas a este aspecto juntava-se um outro “ingrediente”, a bem da popularidade do caso, o espiritismo. A prática comum e de grande impacte até pela espectacularidade em torno do argumento alegado pela defesa, afirmando o réu possuído, logo não agindo por sua livre vontade. Ora, o poeta era sobejamente conhecido pela vida boémia e de alcoolismo, era ainda popular pelo ciúme doentio que nutria por sua jovem e bela mulher. Eis a razão. A antítese brutal colocada entre a razão da ciência e as ciências ocultas. Perante tais circunstâncias, não estranhemos ter sido Virgínia Quaresma a escolhida para cobrir o

¹⁵ *A Capital*, 20 Agosto de 1916, p.2.



acontecimento. Maria Augusta Seixas, sua mais recente biógrafa não hesita em considerar que foi “a sua persistente investigação que o levou [ao assassino, João Barreto] a julgamento, numa época em que matar uma mulher alegando infidelidade era coisa corrente”¹⁶.

O silêncio acompanhava a maior parte das vezes as vítimas de agressões. No início do século XX, ao Instituto de Medicina Legal de Lisboa chegava uma ínfima parcela de casos, como nos deixa saber Rita Garnel no seu estudo *Vítimas e violências na Lisboa da I República*¹⁷. Daí assinalar-se a persistência de Virgínia Quaresma incansável na demanda de justiça. Apesar de João Barreto ter sido ilibado no primeiro julgamento, a repórter não se dá por vencida. Sensível à relevância da acção de Quaresma, narra entusiasticamente, em 1921, o *ABC*:

“Não se contara, porém, com a *Época*, não se pensara que, tratando da reportagem sensacional que fizera descobrir, numa fazenda do interior, o criminoso, ou que, pelo menos, o atirara para o tribunal, estava uma mulher inteligente a querer vingar outra; e então as entrevistas feitas com homens de grande capacidade científica surgiram com os detalhes da noite do crime e como o poeta a passara. A rude campanha começava, ou antes, continuava, formidavelmente, e a opinião pública voltava a apaixonar-se.

- Nada de duendes, nada de fantasmas, nada de espíritos...

Um crime, uma mulher morta, outra mulher a defender a sua memória, a querer vingar o crime de que ela fora vítima.

João Barreto foi de novo preso e desta vez, condenado”¹⁸.

O modo como Virgínia Quaresma denunciou o homicida é louvável até pelo colorido que as suas palavras nos oferecem debaixo de uma caixa jornalística que não podia ser melhor escolhida: “Bruxos, Magos, Nigromantes”¹⁹. Tal facto, aliás, faz jus à apreciação de Maria Augusta Seixas:

“A Virgínia escreve muito bem, com uma grande fluência, com um registo muito factual. Os relatos dela de crimes, por exemplo, são verdadeiros guiões para filmes. Está lá tudo. Só falta mesmo o cheiro. [...] Eu sustento que a Virgínia foi uma jornalista que, na época, muito contribuiu para lhe dar consistência, fazendo da reportagem um género nobre.”²⁰

Na sociedade coeva sobejava terreno fértil para o crime, nas suas mais variadas instâncias praticado. Os jornais diários, matutinos ou vespertinos já nos finais do século XIX procuravam motivo de assunto para alimentar as suas colunas. *O Mundo*, a 2 de Fevereiro de 1908, periódico em que Virgínia Quaresma dirigia a secção “Jornal da Mulher”, ocupava grande parte da página dois noticiando: “No Rio de Janeiro, um drama de sangue: marido que mata a mulher-crime de adultério-sedutor cobarde-fuga do criminoso”. Ao longo da notícia, os leitores são conduzidos a lamentar o

16 SEIXAS, Maria Augusta . “Virgínia Quaresma”. In *As Mulheres e a República*. Agenda Feminista 2010. Lisboa: UMAR – União de Mulheres Alternativa e Resposta & Faces de Eva Estudos sobre a mulher, Universidade Nova de Lisboa, 2009, [s/p.].

17 GARNEL, Maria Rita Lino. *Vítimas e violências na Lisboa da I República*. Dissertação de Doutoramento. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2005

18 *ABC*, de 20 de Janeiro de 1921, pp. 12-13.

19 *A Capital*, 20 de Agosto de 1916, p. 2.

20 Entrevista dada a Carla Baptista à revista *JJ* por Maria Augusta Seixas. Disponível em: <http://industriasculturais.blogspot.com/2004/12/descoberta-de-virgνια-quaresma-1882.html>. Acesso em: 30 de Junho de 2010.



pobre homem, a quem a mulher adulterava enquanto ele procurava assegurar o sustento do lar. Pese a diferença, este exemplo serve o propósito de ilustrar o modo como a apropriação dos factos pode levar a formar opinião. Quando se passa para o nível dos instrumentos de larga amplitude como os *media*²¹ contemporâneos são, estes aspectos são exponenciados. Quer pela abrangência quer pela velocidade a que hoje se processam universalmente.

Daí a importância da existência de reportagens e de jornalistas capazes de servirem causas como as do combate à violência, em que todos ainda seremos poucos. Como sempre, parece ter sabido a jornalista “entre trânsitos atlânticos” que, antes de tudo o mais, soube (e quis) definir-se a si mesma: “Ser feminista é a minha única carta de recomendação, o meu único título de glória no mundo intelectual²²”. Não estranhemos, pois, como Virgínia Quaresma assumiu sempre a batalha pela defesa da dignidade humana e o combate contra a violência, nas suas mais variadas formas e, em particular, contra o femicídio. Lembrá-la, mais do que um mero acto de justiça é dar voz a tantas outras mulheres que, como Anita Levy, se viram privadas, em vão, de viver as suas vidas e cujos nomes se perderam na “espuma do tempo”²³!

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, São José. *Homossexuais no Estado Novo*. Porto: Sextante Editora, 2010.
- AMARAL, Luís. *Jornalismo: matéria de primeira página*. 4ªed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1986.
- AMZALAK, Moses Bensabat. *A questão pacifista*. Lisboa, [Tip. La Bécarre], 1911
- BARROSO, Zélia. *Violência nas relações amorosas*. Lisboa: Edições Colibri - SociNova, 2007.
- BORGES, França. *A imprensa em Portugal: Notas d’um jornalista*. Porto: Emp. Lit. Typographica, 1900.
- CABETE, Adelaide. As mulheres que passam. In : *Igualdade*. Lisboa, 1928, p.4.
- DIAS, Luís Augusto Costa. O papel do impresso. A imprensa e a transformação do espaço público em Portugal (último quartel do século XIX – primeiro quartel do século XX). In: *Estudos do Século XX*. n.º 7. 2007, pp. 307-317.

²¹ Note-se que a utilização feita do termo segue a definida por João Pissarra Esteves: “O termo *media* é aqui assumido num sentido próprio e específico[...]. Neste momento, porém, a preocupação circunscreve-se aos modernos dispositivos tecnológicos de mediação simbólica da experiência humana: os *media*, por conseguinte, apenas nesta acepção precisa, que muito embora apresente alguma afinidade com o sentido habitual que este termo hoje em dia encontra ao nível da linguagem comum, dele pretende também distanciar-se enquanto sua apreensão crítica.” (*O Espaço Público e os Media. Sobre a comunicação entre normatividade e facticidade*. Lisboa, Colibri, 2005, p.13).

²² *O Mundo*, 3 de Setembro de 1906, p. 4.

²³ Expressão utilizada pelo Professor Adriano Moreira, na comunicação apresentada à FCSH, depois publicada em *Cultura. Revista de História das Ideias*. 2009.



- DIAS, Luís Augusto Costa. Os «reporters» de imprensa na entrada da era mediática. In: *1910, o ano da República*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, 2010, p. 247-250.
- ESTEVES, João Pissarra. *O espaço público e os media: Sobre a comunicação entre normatividade e facticidade*. Lisboa,: Colibri, 2005,
- FAVITA, Andreia; CEREJO, Dalila. Emoções «Genderizadas» no contexto da violência contra as mulheres. In : *Faces de Eva*. Lisboa, n.º 23, 2010, pp. 23-39.
- GARNEL, Maria Rita Lino. *Vítimas e violências na Lisboa da I República*. Dissertação de Doutoramento. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade, 2005.
- GARRIDO, Vicente. *Amores que matam: assédio e violência contra as mulheres*. Cascais: Principia, 2002.
- KLOBUCKA, Anna M. Summoning Portugal's Apparitional Lesbians: A To-Do Memo. In: *Conference of Association of British and Irish Lusitanists. National University of Ireland at Maynooth, 11-12 September 2009*. Disponível em: < <http://umassd.academia.edu/AnnaMKlobucka/Papers/109220/%E2%80%9CSummoning-Portugal%E2%80%99s-Apparitional-Lesbians--A-To-Do-Memo%E2%80%9D> > . Acesso em : 15 de Junho de 2010.
- LIMA, Magalhães. *A Paz e a Guerra*. Lisboa: Empresa da História de Portugal, Sociedade Editora, 1900.
- LISBOA, Manuel (Coord). *Prevenir ou Remediar: os custos sociais e económicos da violência contra as mulheres*. Lisboa: Edições Colibri, 2006
- MARTINS, Rocha. *Pequena história da imprensa portuguesa*, Lisboa:Inquérito, 1941.
- SALGADO, Joaquim. *Virtudes e Malefícios da Imprensa: escôço histórico sôbre a origem, evolução e ética do jornalismo*. Porto: Portucalense Editora, 1945.
- QUARESMA, Virgínia. Feminismo. In: *O Século: suplemento ilustrado*. Lisboa, Maio, 1912, p.2-6.
- QUARESMA, Virgínia. O feminismo em Hespanha: uma conferencia de «Colombine». In: *O Mundo*. Lisboa, Abril, 1907, p. 4.
- SEIXAS, Maria Augusta. Virgínia Sofia Guerra Quaresma. In: *Dicionário no feminino (séculos XIX–XX)*. Lisboa: Livros Horizonte, 2005, pp. 889-895.
- SEIXAS, Maria Augusta. Virgínia Quaresma. In *As Mulheres e a República. Agenda Feminista 2010*. Lisboa: UMAR – União de Mulheres Alternativa e Resposta & Faces de Eva Estudos sobre a mulher, 2009.
- SEIXAS, Maria Augusta. *Virgínia Quaresma (1882-1973). A primeira jornalista portuguesa*. Dissertação de Mestrado em Comunicação e Jornalismo. Coimbra: Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, 2004.